



APROVADA
NA 501 a. Sessão

ALADI/CR/Ata 496
(Extraordinária)
24 de agosto de 1993
Hora: 11h 05m às 11h 50m

ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do Presidente da Assembleia Nacional da República de Cuba, Senhor Ricardo Alarcón Quesada.

Preside:

EDUARDO CABEZAS MOLINA

Assistem: Noemí Gómez (Argentina), Hernando Velasco Tárraga (Bolívia), Hildebrando Tadeu Nascimento Valadares e Dilermando Cruz (Brasil), Antonio Urdaneta e María Elvira Pérez de De Castro (Colômbia), Manuel Valencia Astorga (Chile), Eduardo Cabezas Molina e Humberto Jiménez Torres (Equador), Ignacio Villaseñor e Jorge Ramírez Guerrero (México), Alfredo Núñez e Susana Morinigo (Paraguai), Guillermo Fernández-Cornejo-Cortés e José Carlos Dávila (Peru), Néstor Cosentino e Ricardo Duarte Vargas (Uruguai), Germán Lairé (Venezuela), Juan Valenzuela (Costa Rica), Abelardo Curbelo Padrón, Lázaro Barredo, Homero López García, Juan Astiasarán Ceballo e Faustino Madrazo (Cuba), Edmund Frei (Suíça).

Secretário-Geral: Antonio José de Cerqueira Antunes.

Secretário-Geral Adjunto: Isaac Maidana Quisbert.

PRESIDENTE. Inicia-se a sessão extraordinária para receber o Senhor Presidente da Assembléia Nacional da República de Cuba, Doutor Ricardo Alarcón Quesada.

Senhor Presidente da Assembléia Nacional da República de Cuba, Senhores Representantes, Senhor Embaixador da República de Cuba, Senhor Secretário-Geral da ALADI, Senhor Secretário-Geral Adjunto, Senhores Observadores, como Presidente do Comitê de Representantes, órgão político da ALADI, saúdo Vossa Excelência, por motivo de sua gentil visita à sede permanente. Seu país é um Observador ativo dos trabalhos da ALADI e inclusive Cuba já está participando de alguns de seus acordos de alcance parcial ou regional, neste processo difícil, mas apaixonante, de viver unidos os povos latino-americanos e do Caribe. É provável que os resultados concretos ainda nos façam esperar, mas temos a certeza de que a unidade de nossa região não se fundamenta em uma lírica declaração, senão em uma história de êxitos. Já que se a história não tem sido ótima em sucessos, é de sua lógica buscá-los no futuro, com profunda responsabilidade frente às gerações vindouras.

Na ALADI, e em sua antecessora ALALC, vimos lutando pela integração de nossos países há mais de 30 anos. Nesse caminho tivemos de adequar nossos mecanismos e instrumentos, nossos alvos e objetivos, às novas realidades emergentes que vão configurando o perfil de nossas sociedades nos postrimeiros momentos do século XX e nos albores do próximo século. As mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais que vêm acontecendo vertiginosamente em todos os confins do planeta incidem direta e indiretamente no acionar diário de nossos povos e países. É uma vez que a unidade latino-americana se solidifique, o passo seguinte será encontrar o caminho de entrada no Século XXI.

A interdependência marca novos critérios nas relações entre os povos e a cooperação adquire uma dimensão diferente. Não cabe dúvida de que a crise ocasionado pelo desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e pela queda dos regimes da Europa Oriental teve também impacto na América Latina.

Durante muitos anos fizemos da integração econômica a pedra angular de nosso trabalho e esforço. O caminho tem sido duro e os resultados não alcançaram as metas propostas. Não obstante, não estaríamos nesta Casa e não se falaria da integração econômica regional, sub-regional ou bilateral, se não fosse pelo que aqui fizeram nossos países e pelo que estão dispostos a fazer no futuro. O Grupo Andino, o MERCOSUL, o Grupo dos Três e os acordos da nova geração são expressões claras da vontade política de integração de nossos Governos e que, de uma ou de outra forma, estão diretamente relacionados com a atividade e os objetivos da ALADI. A criação da Comunidade Latino-Americana de Nações, tal como propõe o Parlamento Latino-Americano, é propósito consubstancial de todos os esquemas de integração da região.

Face aos problemas econômicos e sociais que parecem mais e mais insuperáveis, os países estão obrigados a fazer importantes concessões à economia de mercado e a intensificar os intercâmbios econômicos entre os países latino-americanos e do Caribe; daí, a validade do relançamento da integração na qual estamos empenhados.

Mas estamos falando de uma integração à qual se incorporou o resgate de nossos valores culturais como variável indispensável para o relacionamento de nossos países, queremos continuar vendo os filmes de Cantinflas, de María Félix, ouvir a música desta indo-latino-américa, que estejam a nosso alcance os livros de autores latino-americanos, por isso foi criado o Mercado Comum do Livro. Não haverá verdadeira integração se nossos povos não tiverem uma profunda consciência comunitária, se não se conhecerem e reconhecerem em si mesmos o autêntico potencial de desenvolvimento, criatividade e vontade de constituir uma verdadeira comunidade de nações, dispostas a

enfrentar o porvir com decisão e audácia. Temos tudo o que necessitamos para fazê-lo, devemos por-nos em marcha.

Por isso, receber nesta Casa e compartilhar com Vossa Excelência, brevemente nossas experiências, é particularmente satisfatório. Tenha, Vossa Excelência, a certeza de que a Casa da Integração é a casa de todos.

Muito obrigado.

Tem a palavra o Senhor Secretário-Geral da ALADI.

SECRETARIO-GERAL. Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Senhores Embaixadores e Representantes dos países-membros, Senhores Embaixadores e Representantes de países e instituições Observadores, Senhor Presidente da Assembléia Nacional, Doutor Ricardo Alarcón Quesada, aqui, nesta Casa, temos uma associação de onze países; onze países que representam uma área importantíssima da América Latina, de vários pontos de vista. São onze países que agora estão regidos por um Tratado, o Tratado de Montevideu 1980, e que em seu tempo estiveram regidos pelo Tratado de Montevideu de 1960. São onze sócios que misteriosamente se mantêm associados em uma aparente letargia, em uma aparente marcha lenta. Mas, eu diria que nessa marcha lenta se trabalha, trabalha-se dentro de um progresso da história.

Além disso, esta associação destes onze países tem uma nítida, expressa, vocação latino-americanista. Não se contenta em deixar sua ação na integração somente dos onze países. Sua pretensão, seu objetivo, parte de sua razão de ser, é estender a integração fraternalmente para a América Central e o Caribe.

Esta Associação, que trabalhava em aparente letargia, ultimamente está tomando novo impulso, está projetando-se verdadeiramente como uma associação articuladora e promotora de integrações parciais. Está o MERCOSUL, na prática recentemente criado; está o ressurgimento do Grupo Andino e está uma multidão de acordos bilaterais de que participam os outros dois países que não estão nessas duas sub-regiões: o México e o Chile.

Ultimamente esta Associação, dizia eu, está crescendo em seu papel de promotora e articuladora. Cada vez mais os países descobrem neste Tratado de Montevideu um instrumento de grande flexibilidade, de grande capacidade de abranger compromissos que os países querem adquirir no sentido da integração. Temos como meta de médio e longo prazos o mercado comum da América Latina, não dos onze, o mercado comum da América Latina. Mas, todos sabemos que não pára aí, como tampouco quando éramos a ALALC não paramos com o objetivo, pelo menos como objetivo de livre comércio.

Aqui, atualmente, como sintoma desse crescimento do papel, estão debatendo-se questões, propostas de acordo de grande dimensão, de grande alcance. Está propondo-se um acordo de comércio de serviços, que praticamente duplica o universo da preocupação integracionista, porque às mercadorias, que são uma parte do universo econômico e cultural, acrescentam-se agora os serviços, que ultimamente se revelam como a parte mais dinâmica das economias modernas, a parte que gera emprego, para onde se manifesta o desenvolvimento tecnológico, a parte que garante a competitividade das atividades econômicas e dos países.

Estamos também debatendo acordos de normas técnicas, acordos culturais. Estamos desenvolvendo o caráter multifacético da integração e trabalhando quase em silêncio, através de ações pequenas, mas seguras, para adiante e para acima.

Estamos também em aproximação com a América Central e o Caribe, por determinação das autoridades máximas desta Associação.

Esta, Senhor Presidente, é a ALADI que Vossa Excelência está visitando e que conta também com a Secretaria, que fez tudo o que pôde para cumprir seu papel, ao fazer propostas e estudos técnicos que servem de base para as iniciativas e para as negociações dos países.

Temos a imensa satisfação de receber Vossa Excelência. Através de Vossa Excelência, de sua personalidade, saudamos o bravo povo cubano. Reconhecemos em Vossa Excelência uma pessoa que muito pode fazer pela integração e por seu povo, devido a sua experiência, seu conhecimento, sua experiência desde o tempo de estudante, como Presidente da Federação de Estudantes Universitários da Universidade de Havana, sua experiência e seu conhecimento da política internacional, já com um longo trabalho desenvolvido no serviço diplomático de seu país, no qual representou duas vezes a República de Cuba nas Nações Unidas, sua experiência como Diretor, como Vice-Ministro e depois Ministro das Relações Exteriores e agora, por último, como Deputado, recém eleito e também eleito Presidente da Assembléia-Geral.

Queremos, através de Vossa Excelência, dar uma mensagem de esperança, de espírito amplo que tem esta Casa para a negociação, pelo bem de todos nossos povos.

Aqui, Senhor Presidente, os países observadores, sobretudo os países da América Central e do Caribe, sabem que contam com as portas e as vantagens abertas para contribuir para a integração desta nossa grande região. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Obrigado, Senhor Secretário-Geral.

Tem a palavra o Senhor Presidente da Assembléia Nacional da República de Cuba, Doutor Ricardo Alarcón Quesada.

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL DA REPUBLICA DE CUBA (Ricardo Alarcón Quesada). Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, senhoras e senhores, em primeiro lugar quero agradecer muito vivamente esta oportunidade que nos dão ao receber-nos nesta Casa, na sede da Organização cujo trabalho muito apreciamos e com a qual desejamos colaborar, relacionar-nos como observador ativo, como manifestava o Senhor Presidente, e na perspectiva que esperamos alcançar de uma e cada vez mais estreita participação e colaboração com os senhores.

Considero que todos os latino-americanos coincidimos em nossa comum vocação pela integração. Não é possível encontrar vozes, nem hoje nem ao longo de nossa história, que não concordem com essa aspiração comum de todos nossos povos. Provavelmente seja difícil encontrar outra parcela de nosso continente onde esta idéia, esta aspiração, que pôde ter conotações quase utópicas nas raízes de nossa história, mas que cada vez mais devem na consciência de uma necessidade para o desenvolvimento de nossos povos, dificilmente possa encontrar-se outro lugar de nossa América onde esta convicção tenha estado tão arraigada como em Cuba.

Se meditamos, os cubanos, sobre nossa história, sobre nossas origens, sobre nossa evolução, comprovamos facilmente -qualquer escolar cubano sabe- que antes do nascimento da República, antes do surgimento do movimento que haveria de buscar a independência e pôr fim ao colonialismo europeu em nosso país, antes, inclusive, de que surgisse em rigor a nação cubana, desde os primeiros passos, desde as primeiras tentativas por construir essa nacionalidade e libertá-la, a idéia da integração econômica e política com a América Latina foi seu motor principal, seu motor inicial.

Nosso primeiro grupo, o primeiro grupo de cubanos que imagina a idéia de uma pátria independente, foi identificado na história e se chamaram a si mesmos os bolivarianos.

A primeira tentativa, a primeira organização, a primeira ação encaminhada a criar a nacionalidade e depois lutar para que alcançasse a plenitude de sua independência, a primeira conspiração, a primeira ação, a primeira vez que um grupo de cubanos se sentem cubanos se organizam e tratam de andar por esse caminho, escolheram como nome daquela conspiração "Los soles y rayos de Bolívar". E não só porque se inspiravam no movimento que O Libertador tinha iniciado na Venezuela, senão porque além disso, naquele momento se propunham criar a nação, libertá-la e integrá-la ao que sempre se concebeu como a verdadeira nação latino-americana.

Por isso não pode surpreender que aqui mesmo em Montevidéu, em 1959, aos poucos meses do triunfo da revolução de janeiro daquele ano, o Presidente Fidel Castro, fizesse um veemente chamado à integração econômica e política da América Latina. É provavelmente o primeiro documento, aquele discurso que ele fez aqui, em Montevidéu, o primeiro documento oficial de Cuba, já nesta etapa revolucionária, na qual se postula e se luta por alcançar o que para nós, os cubanos, era algo presente desde o momento antecipador de nossa história. Desde então até agora, desde os primeiros resplandores bolivarianos ao momento em que surge a República cubana transcorreu quase um século, e depois das transformações que desde então nos conduziram à etapa que para os cubanos é a da realização plena da independência com a revolução atual. E até este momento têm sido complicados, difíceis, longos mas, o que nunca deixou de estar ausente foi essa convicção, que haveria de refletir-se, há uns vinte anos, quando a República de Cuba, por razões que todos conhecemos e que não é o caso aprofundar-se nelas agora, vinculou-se com o Conselho de Ajuda Mútua Econômica, o CAME.

Aí está a declaração oficial do Governo de Cuba, a condição que pôs naquele momento ao vincular-se com esse grupo econômico, de que a aspiração da República de Cuba e sua meta era integrar-se em seu momento, econômica e politicamente, com a América Latina e o Caribe. Naquele momento, muito longe estava da imaginação de qualquer um que o CAME passaria à história e que ocorreriam os acontecimentos que mais recentemente aconteceram. Naqueles momentos nossas expectativas, nossas possibilidades de vinculação com a América Latina e o Caribe eram bastante escassas. Não obstante, não pudemos, não podíamos nem sequer conceber a vinculação com aquela organização sem deixar claro, para eles e para todos os demais, que esse não era, nem podia ser, nem seria o caminho que Cuba percorreria. Seria uma etapa necessária de nossa evolução, mas nossa aspiração, nossa meta continuaria sendo a única que até agora os cubanos têm concebido como possível, antes que os cubanos se reconhecessem todos inclusive como cubanos.

É por isso que nos apraz muito poder concorrer a este encontro com os senhores. É por isso que agradeço muito esta possibilidade e as generosas palavras tanto do Senhor Presidente quanto do Senhor Secretário-Geral.

Desejaria acrescentar, também, que o que no seu tempo parecia mais uma utopia, e o que hoje consideramos como necessidade inadiável, é verdade que vai construindo-se passo a passo, que vai ascendendo por esse caminho através de numerosos degraus, e o Senhor Secretário-Geral aludiu a vários dos mais importantes.

Sei que recentemente os senhores receberam o Deputado Humberto Celli, Presidente de nosso Parlamento Latino-Americano. Coincidimos com ele em que os Parlamentos de nossa região e o Parlamento Latino-Americano em seu conjunto temos muito para fazer ainda para contribuir para acelerar esses processos, para dar-lhes também sua dimensão real. Os latino-americanos, a diferença de outros grupos

regionais de outras latitudes, podemos e devemos, na realidade, conceber a integração em toda sua complexa riqueza; não somente o comércio, não somente a economia, não somente a política. Realmente, pelo menos essa tem sido a visão cubana desde o primeiro dia, constituímos e devemos aspirar a realizar na prática uma nação, uma só nação com as mesmas raízes, com os mesmos componentes espirituais, culturais. E, portanto, dispomos da possibilidade, neste mundo que visa a integração, o agrupamento de Estados, a criação de espaços mais amplos e mais fortes.

Temos a possibilidade real de tornar-nos mais sólidos, mais fortes, mais ricos, pelo bem-estar de nossos povos porque, realmente, contamos com um acervo comum em todos os aspectos da vida: na cultura, na espiritualidade, sem deixar de reconhecer a importância da econômica.

Para Cuba, isso é aspiração, meta, que proclamamos no plano político, mas que também tratamos de conjugar com ações práticas, concretas, específicas. Para alguns poderá haver preocupação ou dúvida sobre como é possível ou realizável a integração de uma economia como a cubana, que tem suas características que a diferenciam de algumas outras, embora, na realidade também haja que perceber que o mais importante dessa economia hoje é sua evolução para formas diferentes das que prevaleceram no período mais recente.

Não obstante, considero que há numerosos exemplos de como é possível, como é realizável e nos fatos temos alcançado formas de colaboração cada dia mais intensas com alguns dos estados latino-americanos membros desta Associação, e muito recentemente temos subscrito alguns acordos importantes, resultado de um processo de vários meses de análise, de estudo, de consultas, de trabalho de várias missões especializadas.

Acabamos de concluir, dizia, acordos muito importantes, que estabelecem um vínculo cada dia mais estreito, mais estável, de uma colaboração bastante intensa com nosso vizinhos imediatos, os estados caribenhos integrantes da comunidade do Caribe.

A nossa experiência e a deles têm demonstrado que não só é possível, senão que é útil, conveniente e necessário para os pequenos territórios insulares do Caribe concebê-lo, com essa idéia que avança, cada vez mais, neste pedaço de nossa América, como que somos parte de uma realidade superior, apesar de que no caso do Caribe é onde se manifestam as diferenças culturais, as diferenças que nos levaram ao fato de que houvéssemos sido colonizados por potências européias diferentes.

Desejo reiterar-lhes nossa satisfação por este encontro, renovar-lhes a vontade cubana de continuar trabalhando com cada um dos senhores, individualmente, nesse caminho que acreditamos indispensável, e também nosso maior interesse em continuar aumentando os vínculos que tão satisfatoriamente temos conseguido manter até agora com esta Associação, cujo papel na necessária integração da América Latina, cujo papel no desenvolvimento da amizade, da cooperação entre todos nossos povos não pode ser deixado de lado.

Obrigado novamente, Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, e obrigado, senhores, por ter concorrido a este encontro. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Doutor Ricardo Alarcón Quesada, por suas palavras.

Os Senhores Representantes estão convidados para um brinde em honra do Doutor Ricardo Alarcón Quesada.

Encerra-se a sessão.
